

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA



***“DIZ-ME COMO SENTES, DIR-TE-EI COMO REAGES”:***  
**RELAÇÃO ENTRE REAÇÕES PARENTAIS ÀS**  
**EMOÇÕES NEGATIVAS DOS FILHOS, EMPATIA**  
**INTERPESSOAL E APOIO SOCIAL**

**Filipa Alexandra Pereira Marques**

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)**

**2017**

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA



***“DIZ-ME COMO SENTES, DIR-TE-EI COMO REAGES”:***  
**RELAÇÃO ENTRE REAÇÕES PARENTAIS ÀS**  
**EMOÇÕES NEGATIVAS DOS FILHOS, EMPATIA**  
**INTERPESSOAL E APOIO SOCIAL**

**Filipa Alexandra Pereira Marques**

Dissertação orientada pela Professora Doutora Marta Pedro

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)**

**2017**

## Agradecimentos

À **Professora Doutora Marta Pedro**, pelo excelente acompanhamento ao longo deste percurso. Obrigada pela exigência, dedicação, profissionalismo, disponibilidade, apoio e motivação que sempre me foi dando. Obrigada por exigir nada menos do que o melhor que eu conseguia dar.

À **Doutora Mariana Fernandes**, pela ajuda incansável durante a realização da dissertação. Obrigada pelo sorriso e pela voz meiga com que sempre me deu força para continuar.

A **todas as professoras do Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica**, por terem sido para mim o modelo de um verdadeiro psicólogo, em que a paixão à Psicologia e o amor ao outro é visível no mais pequeno detalhe do dia a dia.

À minha **família**, pelo amor... Aos meus **pais**, pelo esforço para eu que pudesse concretizar este sonho e por sempre acreditarem em mim. Às minhas **irmãs**, companheiras de vida e de aventuras que me incentivaram todos os dias a fazer o que mais gosto. Aos meus **afilhados e sobrinhos**, por me contagiarem com a sua alegria de criança e por isso me darem ânimo, mesmo nos momentos mais difíceis. Pelo tempo que não lhes dei e pelas vezes que não estive presente. Aos meus **padrinhos**, por estarem sempre lá. À **Fática, ao Quim e à Gertrudes**, por terem sido peça chave no meu crescimento e pela felicidade com as minhas conquistas. À **Isabel e ao António**, por tudo o que fizeram por mim durante estes cinco anos.

Ao **Samuel**, pelo caminho que vamos construindo. Pela alegria nos momentos bons e pela força e confiança nos momentos de desânimo. Pela paciência e por todo o amor! Pelos abraços onde posso descansar.

Aos **amigos**... àqueles com quem cresci, pelo companheirismo e pelo elo que nos liga, mesmo que a distância se faça grande... E aos que Lisboa me deu, por todos os momentos bem vivos, pelas dificuldades que nos foram ligando, pelas angústias académicas (e não só) que fomos partilhando. Guardo-vos no coração e já não vos deixo fugir.

**“Diz-me como sentes, dir-te-ei como reages”: Relação entre reações parentais às emoções negativas dos filhos, empatia interpessoal e apoio social**

**Resumo**

As reações parentais às emoções negativas dos filhos são uma importante variável da parentalidade, pois a forma como os pais respondem às emoções negativas dos filhos vai ajudar a criança a aprender a lidar com os seus próprios estados emocionais (Fabes, Poulin, Eisenberg, & Madden-Derdich, 2002). A literatura tem analisado o impacto destas reações nas diversas áreas de vida das crianças, no entanto são poucos os estudos que relacionam os fatores dos progenitores com as reações parentais, não havendo até à data estudos que relacionem a empatia, reações parentais e apoio social. Assim, o presente estudo pretende avaliar a relação entre a empatia interpessoal de pais e mães e as reações parentais às emoções negativas dos filhos, investigando o papel moderador do apoio social nesta relação. A amostra foi constituída por 184 participantes, 106 mães e 78 pais, biológicos e não biológicos, de crianças entre os 3 e os 12 anos. Foi aplicado o *Questionário de Avaliação das Reações Parentais às Emoções Negativas dos Filhos (RPEN; Alves & Cruz, 2011)*, o *Índice de Reatividade Interpessoal - IRI (Limpo, Alves, & Castro, 2010)* e o *Convoy Model Diagram – Redes de Apoio Social (CMD; Gameiro, Moura-Ramos, & Canavarro, 2006)*. Os resultados mostraram que a empatia cognitiva e emocional são preditores de reações parentais apoiantes e indicaram um efeito principal negativo da empatia emocional nas reações parentais não apoiantes. O apoio social não moderou a relação entre a empatia e as reações parentais. Os resultados mostraram ainda diferenças significativas entre pais e mães na empatia emocional e nas reações apoiantes, com as mães a mostrar mais empatia e mais reações apoiantes do que os pais. O presente estudo contribuiu assim para a literatura acerca das reações parentais à expressão emocional dos filhos.

**Palavras-chave:** reações parentais às emoções negativas dos filhos, empatia interpessoal, apoio social, emoções, parentalidade

## Abstract

The parental reactions to children's negative emotions are an important variable of parenting, given that the way which the parents respond to their children's negative emotions helps the children learn to lead with their own emotional states (Fabes, Poulin, Eisenberg, & Madden-Derdich, 2002). The literature has analyzed the impact of these reactions on various areas of children's lives, however there are few studies that relate the parent's factors with parental reactions, having being no studies to date that relate empathy, parental reactions and social support. Thus, the present study intends to evaluate the relation between interpersonal empathy of fathers and mothers and the parental reactions to children's negative emotions, investigating the moderator role of social support in this relation. The sample was constituted by 184 participants, 106 mothers and 78 fathers (biological and non biological) of children aged 3 to 12 years old. The *Questionário de Avaliação das Reações Parentais às Emoções Negativas dos Filhos (RPEN; Alves & Cruz, 2011)*, *Índice de Reatividade Interpessoal - IRI (Limpo, Alves, & Castro, 2010)* and *Convoy Model Diagram – Redes de Apoio Social (CMD; Gameiro, Moura-Ramos, & Canavarro, 2006)* was applied. The results showed that cognitive empathy and emotional empathy are predictors of parental supportive reactions and also indicated a main negative effect of emotional empathy on parental nonsupportive reactions. The social support did not moderate the relation between empathy and parental responses. The results still revealed significant differences between fathers and mothers on emotional empathy and supportive reactions, with mothers showing more empathy and more supportive responses than fathers. Then, the present study contributed to the literature about parental reactions to children's emotional expression.

**Key words:** parental reactions to children's negative emotions, interpersonal empathy, social support, emotions, parenting

## Índice Geral

Introdução .....	1
Enquadramento Teórico .....	2
As reações parentais às emoções negativas dos filhos.....	2
Empatia e reações parentais .....	4
O papel do apoio social na relação entre empatia e reações parentais às emoções negativas dos filhos.....	6
O papel do género do progenitor .....	7
Objetivos e hipóteses .....	8
Método.....	9
Participantes.....	9
Procedimento .....	13
Instrumentos.....	13
Análise estatística.....	16
Resultados.....	16
Estatística descritiva e comparação de médias entre mães e pais .....	16
Análise de correlações .....	17
Análise de regressões .....	18
Discussão .....	20
Limitações e implicações futuras.....	27
Referências Bibliográficas.....	29

### **Anexos:**

**Anexo A** – Consentimento informado

**Anexo B** – Protocolo de investigação

## **Índice de Tabelas**

### **Tabela 1**

Dados sociodemográficos dos progenitores.....10

### **Tabela 2**

Dados sociodemográficos dos filhos alvo.....12

### **Tabela 3**

Estatísticas descritivas das variáveis em estudo e diferenças de médias entre mães e pais.....17

### **Tabela 4**

Intercorrelações entre a empatia, as reações parentais às emoções negativas dos filhos e o apoio social.....18

### **Tabela 5**

Análises de regressões múltiplas lineares para as reações parentais apoiantes.....19

### **Tabela 6**

Análises de regressões múltiplas lineares para as reações parentais não apoiantes.....20

## Introdução

O presente estudo insere-se no projeto de Doutoramento *“Parentalidade em desvantagem económica e social e ajustamento psicológico dos filhos”* da doutoranda Mariana Fernandes, atualmente a decorrer na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, sob a orientação da Professora Doutora Isabel Narciso e da Professora Doutora Marta Pedro. Esta investigação de Doutoramento enquadra-se no âmbito da Psicologia da Família e insere-se numa perspetiva ecossistémica, tendo como principal objetivo compreender trajetórias (in)adaptativas de parentalidade que possam ter impacto ao nível do ajustamento psicológico dos filhos, através da comparação de famílias com e sem vulnerabilidade económica.

A parentalidade é um processo complexo, que exige mais do que garantia das necessidades básicas da criança (Lerner, Rothbaum, Boulos, & Castellino, 2002). Um dos componentes da parentalidade diz respeito à socialização emocional, pois as crianças aprendem a lidar com as suas emoções a partir das interações com os seus pais (Eisenberg, Cumberland, & Spinrad, 1998), por exemplo a partir da forma como os pais respondem às emoções negativas dos filhos (Fabes, Poulin, Eisenberg, & Madden-Derdich, 2002). No presente estudo, as reações parentais serão analisadas de acordo com a perspetiva ecológica da parentalidade, tendo em conta que o comportamento parental é determinado por vários fatores (Lerner et al., 2002). Considerando esta perspetiva, o presente estudo avaliará a relação entre reações parentais às emoções negativas dos filhos e a empatia interpessoal dos progenitores, investigando o papel moderador do apoio social nesta relação.

A presente dissertação é apresentada em diferentes secções. No enquadramento teórico é feita uma revisão de literatura sobre as variáveis em estudo, no método é apresentada uma caracterização e descrição da amostra, variáveis, instrumentos, procedimento de recolha e análise de dados. Nos resultados são apresentados os resultados obtidos após a análise estatística dos dados e, na discussão, é feita uma reflexão detalhada dos resultados, incluindo as limitações do presente estudo e possíveis implicações futuras.



## **Enquadramento Teórico**

Nos últimos anos, as reações parentais às emoções negativas dos filhos têm sido alvo de interesse cada vez maior na área de estudos da parentalidade, em particular porque a forma como os pais respondem às emoções negativas dos seus filhos vai ajudar a criança a aprender a lidar com os seus próprios estados emocionais (Fabes et al., 2002). Para além disso, a família é o primeiro contexto de socialização emocional da criança, sendo por isso tão importante analisar estas reações parentais (Eisenberg et al., 1998; Fabes, Leonard, Kupanoff, & Martin, 2001). Contudo, apesar de evidências empíricas salientarem o impacto das reações parentais em diversas áreas da vida das crianças, como por exemplo a regulação emocional (e.g., Eisenberg et al., 1998; Fabes et al., 2001; Shewark & Blandon, 2015), o comportamento social (e.g., Fabes et al., 2001; Jones, Eisenberg, Fabes, & MacKinnon, 2002) e problemas de comportamento (e.g., Alves & Cruz, 2011; Tao, Zhou, & Wang, 2010), esta é ainda uma área de estudos em expansão. Mais concretamente, são ainda escassas as investigações acerca dos fatores que poderão contribuir para as reações parentais às emoções dos filhos. Em particular, apesar de a literatura salientar a importância da empatia e do apoio social no exercício da parentalidade, até à data não existem estudos que tenham investigado a relação entre a empatia, reações parentais e apoio social.

### **As reações parentais às emoções negativas dos filhos**

A socialização emocional é o processo pelo qual as crianças adquirem conhecimentos sobre a compreensão, expressão, experiência e regulação das emoções, através do comportamento dos progenitores e da forma como estes respondem afetivamente às situações que enfrentam (Eisenberg et al., 1998). Eisenberg e colaboradores (1998) propuseram um modelo heurístico acerca da socialização emocional. Este modelo postula que os comportamentos parentais relacionados com a socialização emocional são influenciados por vários fatores, tais como características da criança, características dos progenitores, características da cultura e subcultura e aspetos do contexto específico da situação. Por sua vez, os comportamentos parentais relacionados com a socialização emocional podem ser de vários tipos, nomeadamente, reações parentais às emoções negativas dos filhos, investigadas no presente estudo (Eisenberg et al., 1998). As reações parentais às emoções negativas dos filhos dizem respeito à forma como os progenitores reagem e respondem quando a criança expressa

emoções negativas. Estas reações constituem uma forma de regular as emoções das crianças, permitindo que estas aprendam a distinguir entre emoções aceitáveis e não aceitáveis (Eisenberg et al., 1998). Estas reações parentais influenciam ainda a forma como as próprias crianças lidam com os seus estados emocionais e com os estados emocionais dos outros (Fabes et al., 2002).

Os pais podem exibir vários comportamentos quando reagem aos estados emocionais negativos dos filhos, podendo responder, de maneira geral, de forma apoiante ou não apoiante às emoções negativas da criança (Fabes, Eisenberg, & Bernzweig, 1990; Fabes et al., 2002). As respostas apoiantes podem ser focadas no problema – ajudam a criança a resolver o problema que lhe causou stress – focadas nas emoções – os progenitores recorrem a estratégias que permitem à criança sentir-se melhor – ou corresponder ao encorajamento da expressão emocional dos filhos, quando os pais aceitam que a criança expresse as suas emoções negativas (Fabes et al., 2002). Por outro lado, as respostas parentais não apoiantes podem incluir reações de minimização – desvalorização das emoções dos filhos ou das situações que as despoletaram – de punição, verbal ou física – tentativa de controlar as demonstrações das emoções negativas dos filhos – ou de stress – as quais ocorrem quando os próprios progenitores se sentem preocupados ou desconfortáveis perante a negatividade emocional da criança (Fabes et al., 2002).

A pertinência de se investigarem as reações parentais às emoções negativas dos filhos prende-se com o seu impacto em várias áreas do desenvolvimento infantil. A investigação tem demonstrado, de uma forma geral, que estas respostas parentais estão relacionadas com o funcionamento socio-emocional das crianças e dos adolescentes (Denham, Mitchell-Copeland, Strandberg, Auerbach, & Blair, 1997; Fabes et al., 2001). Progenitores que validam a expressão emocional dos filhos e lhes ensinam formas apropriadas de lidar com as emoções negativas permitem um melhor desenvolvimento emocional das crianças (Eisenberg, Fabes, & Murphy, 1996) e respostas parentais apoiantes estão ligadas a melhor regulação emocional (e.g., Hurrell, Hudson, & Schniering, 2015; Jones et al., 2002; Leerkes, Blankson, & O'Brien, 2009), a capacidade de diferenciar as emoções (Denham & Kochanoff, 2002; Fabes et al., 2002) e de as compreender (McElwain, Halberstadt, & Volling, 2007) e a maior expressividade emocional das crianças (Fabes et al., 2002). Por outro lado, diversos estudos indicam que reações parentais não apoiantes estão relacionadas com uma regulação emocional mais pobre (e.g., Fabes et al., 2001; Jones et al., 2002; Leerkes et al., 2009; Shewark &

Bandon, 2015; Spinrad et al., 2004), níveis mais elevados de afeto negativo e de evitamento emocional por parte dos filhos (Eisenberg et al., 1996; Leerkes et al., 2009), bem como fraca capacidade de regulação do comportamento (e.g., Fabes et al., 2001), comportamento socialmente desajustado (Jones et al., 2002) e problemas de externalização (Alves & Cruz, 2011; Tao et al., 2010). No contexto português, constatou-se que as crianças com mais competência académica tinham mães que as ajudavam a procurar as causas das emoções negativas e a forma de lidar com as mesmas. Para além disso os resultados identificaram que as reações parentais não apoiantes estão ligados a mais problemas de comportamentos (externalização e hiperatividade) e que estas reações se correlacionaram de forma negativa com o autocontrolo das crianças (Alves & Cruz, 2011).

Menos investigados têm sido os fatores dos progenitores que podem contribuir para as reações parentais às emoções negativas dos filhos. Uma variável individual dos progenitores que poderá estar relacionada com as reações parentais é a capacidade de empatia interpessoal dos progenitores, a qual tem sido descrita na literatura como tendo implicações em diferentes aspetos do comportamento parental e no ajustamento da criança (e.g., Emery, McElwain, Groh, Haydon, & Roisman, 2014). Desta forma, torna-se pertinente perceber o papel da empatia nas reações parentais às emoções negativas dos filhos.

### **Empatia e reações parentais**

Tradicionalmente, a empatia tem sido dominada por duas abordagens: a abordagem afetiva, em que é considerada uma partilha das emoções dos outros (e.g., Stotland, 1969), e a abordagem cognitiva, em que a empatia corresponde à compreensão dos pensamentos, emoções e motivos dos outros indivíduos (e.g., Kerr & Speroff, 1954), resultante da tomada da perspetiva dos mesmos (Gladstein, 1983). Atualmente considera-se que a empatia é um constructo multidimensional (Limpo, Alves, & Castro, 2010). Davis (2006) postulou um modelo multidimensional da empatia onde integrou ambas as abordagens e no qual teve em conta as dimensões cognitiva, afetiva e comportamental (Limpo et al., 2010). Assim, para Davis (1983) a empatia corresponde à tendência de traço para experimentar de forma afetiva emoções relacionadas com a preocupação pelo sofrimento do outro e para adotar cognitivamente a sua perspetiva.

A investigação tem demonstrado que a empatia tem implicações tanto na parentalidade como no ajustamento da criança. Ao nível da parentalidade, há evidências

que sugerem que progenitores mais empáticos têm maior facilidade em identificar os sentimentos dos filhos e em reconhecer as experiências das crianças (Saba & Tamis-LeMonda, 2003), são mais responsivos aos sinais emocionais dos filhos (Emery et al., 2014; Kochanska, 1997), prestam cuidados de forma mais harmoniosa (Soenens, Duriez, Vansteenkiste, & Goossens, 2007) e mostram mais afeto positivo (Kochanska, 1997). Por outro lado, progenitores menos empáticos tendem a ter comportamentos abusivos ou potencialmente abusivos (e.g., de Paúl, Pérez-Albéniz, Guibert, Asla, & Ormaechea, 2008; Francis & Wolfe, 2008; Kilpatrick, 2005; Maibom, 2012; McElroy & Rodriguez, 2008; Miller & Eisenberg, 1998; Pérez-Albeniz & de Paul, 2003; Rosenstein, 1995). No entanto, há divergências na literatura quanto à relação entre empatia e agressão e, portanto, a investigação dos vários elementos da empatia não confirma a função desta no potencial de abuso físico (Rodriguez, 2013). Relativamente ao impacto da empatia no ajustamento da criança, há estudos que mostraram que as crianças com progenitores mais empáticos revelam menos sintomas de externalização e internalização, maior empatia (Eisenberg et al., 1991; Strayer & Roberts, 2004) e os adolescentes exibem melhor regulação emocional (Manczak, DeLongis, & Chen, 2016). Tendo em conta os diversos estudos que comprovam o impacto da empatia em diferentes aspetos do comportamento parental e do ajustamento infantil, faz sentido considerar que a empatia também possa estar relacionada com as reações parentais às emoções negativas dos filhos, podendo contribuir para promover reações parentais mais positivas/ apoiantes ou, pelo contrário, potenciar mais reações negativas/ não apoiantes. Contudo, esta relação foi ainda muito pouco investigada na literatura.

Uma exceção é o estudo de Fabes e colaboradores (2002), de carácter longitudinal, realizado com pais de crianças entre os três e os seis anos. Este estudo indicou que pais empáticos, compreensivos e com relativa facilidade a tomar a perspetiva do outro respondiam tendencialmente de maneira mais apoiante e menos severa às emoções negativas dos seus filhos. O presente estudo pretende, assim, contribuir para aumentar o conhecimento acerca das variáveis individuais que poderão estar associadas à forma como os pais respondem às emoções negativas das crianças, ao investigar a relação entre empatia e reações parentais às emoções negativas dos filhos, de maneira a contribuir para colmatar a escassez de investigação neste tema.

## **O papel do apoio social na relação entre empatia e reações parentais às emoções negativas dos filhos**

Considerando a perspectiva ecológica da parentalidade, o comportamento parental é determinado por múltiplos fatores, uma vez que os progenitores, a criança e a relação pais-criança estão inseridos num sistema alargado com diversas relações e contextos (biológicos, comunitários, sociais e culturais) que têm impacto na parentalidade (Lerner et al., 2002). Desta forma, não só os contextos da criança, dos progenitores e da relação entre ambos interagem de forma dinâmica, como também há uma interação recíproca com a comunidade, a sociedade e a cultura. Estes contextos de múltiplos níveis mantêm relações recíprocas entre si e encontram-se em constante mudança interdependente ao longo do tempo (Bronfenbrenner, 1979). Desta forma, o estudo do apoio social nesta investigação é pertinente por duas razões. Em primeiro lugar, e considerando o modelo ecológico de Bronfenbrenner, a compreensão de um indivíduo não passa apenas por descrevê-lo no seu contexto familiar, sendo necessário considerar a interação do indivíduo com os vários sistemas onde se insere e a interação dos próprios sistemas entre si (Bronfenbrenner, 1979). Em segundo lugar, existem inúmeras evidências empíricas que demonstram o impacto do apoio social em vários aspetos do comportamento parental (e.g., Byrnes & Miller, 2012; Marra et al., 2009).

O apoio social pode ser definido como a assistência ou proteção dada pelas pessoas socialmente íntimas do sujeito (Shumaker & Brownell, 1984; Wortman & Dunkel-Schetter), por exemplo através de ações, informação verbal e não verbal ou ajuda concreta (Gottlieb, 1983). De uma forma geral, considera-se que existem dois tipos de apoio social, de acordo com a função específica desempenhada pelo apoio: o apoio emocional e o apoio instrumental (Gameiro, Moura-Ramos, & Canavarro, 2006; Pottie, Cohen, & Ingram, 2008). O apoio emocional diz respeito a comportamentos nos quais é evidente o cuidado e preocupação pelos outros, enquanto o apoio instrumental se relaciona com comportamentos em que se presta assistência concreta a outras pessoas (Wills & Shinar, 2000) por exemplo ajuda financeira ou nas tarefas domésticas (Leinonen, Solantaus, & Punamäki, 2003).

O apoio social tem sido identificado como uma forte influência na vida dos progenitores (Ceballo & McLoyd, 2002), existindo várias investigações acerca dos seus efeitos na parentalidade (Geens & Vandembroeck, 2014). Mais concretamente, o apoio social parece melhorar o envolvimento parental (e.g., Castillo & Fenzl-Crossman, 2010), levar a uma parentalidade mais afetuosa (Ceballo & McLoyd, 2002) e melhorar a

comunicação com a criança (Byrnes & Miller 2012; Lee, Anderson, Horowitz, & August, 2009), aumentando a eficácia parental (Woody III & Woody, 2007). A literatura indica ainda que o apoio social está relacionado com maior satisfação e aceitação parental, menor utilização de estratégias punitivas (Ceballo & McLoyd, 2002; Cecconello, De Antoni, & Koller, 2003; Crnic, Greenberg, Robinson, & Ragozin, 1984; McLoyd, 1990; Taylor & Roberts, 1995; Weinraub & Wolf, 1983), e diminuição da hostilidade face à criança (Lippold, Glatz, Fosco, & Feinberg, 2017), atuando de forma a prevenir os maus tratos e negligência infantis (Byrne, Rodrigo, & Martín, 2012; Coohey, 2007; Rodriguez e Tucker, 2015). Há ainda evidências que mostram que o apoio social tem efeitos nos estilos de parentalidade, estando relacionado com a utilização de estilos parentais mais eficazes, nomeadamente, níveis mais elevados de estilo autoritativo e níveis mais baixos de estilos permissivo e autoritário (e.g., Byrnes & Miller, 2012).

Uma vez que, de acordo com a perspetiva ecológica da parentalidade, o apoio social é uma variável com influência ao nível da relação pais-filhos, é pertinente investigar o papel do apoio social na relação entre a empatia interpessoal e as reações parentais às emoções negativas dos filhos, nomeadamente o papel moderador do apoio social nesta relação.

### **O papel do género do progenitor**

O género dos progenitores é também uma variável a ter em consideração na relação entre empatia e reações parentais, pois a literatura aponta para a existência de diferenças entre pais e mães, tanto na empatia como nas respostas parentais.

Quanto à empatia, diversos estudos indicam que as mulheres são geralmente mais empáticas do que os homens (e.g., Davis, 1980; Guevara, Cabrera, Gonzalez, & Devis, 2015; Limpo et al., 2010) o que pode levar a que sejam também mais empáticas com os seus filhos (Francis & Wolfe, 2008; Perez-Albeniz & de Paúl, 2004) perante a expressão das emoções negativas dos mesmos. Quanto às reações parentais paternas, há resultados que sugerem que os homens tendem a reagir de forma menos apoiante do que as mulheres (Hurrell et al., 2015; Wong, McElwain, & Halberstadt, 2009) às emoções negativas das crianças (McElwain et al., 2007) e até a reagir de forma mais punitiva do que as mães (Engle & McElwain, 2011). Por exemplo, um estudo de Nelson, O'Brien, Blankson, Calkins e Keane (2009) apontou para a existência de diferenças significativas nas respostas parentais, com as mães a reportarem mais reações apoiantes às emoções dos filhos do que os pais, e os pais a reportarem mais respostas não apoiantes do que as mães.

Do mesmo modo, num estudo longitudinal de Nelson e colaboradores (2016), as mães forneceram mais respostas apoiantes do que os pais em ambos os momentos do tempo de realização do estudo. Assim, salientam-se diferenças na capacidade de pais e mães lidarem com a emocionalidade negativa dos filhos (Hurrell et al., 2015).

A ausência ou reduzido número de participantes do sexo masculino – pais – é uma limitação presente em muitas investigações na área das reações parentais às emoções negativas dos filhos (e.g., Altan-Aytun, Yagmurlu, & Yavuz, 2013; Borelli, Rasmussen, John, West, & Piacentini, 2015; Fabes et al., 2001; Fabes et al., 2002; Jones et al., 2002; Mackler et al., 2015; Miller, Dunsmore & Smith, 2015; Morrongiello, McArthur, & Spence, 2016). O presente estudo pretende, assim, contribuir para esta lacuna da literatura, analisando diferenças de género entre pais e mães, relativamente às variáveis investigadas.

### **Objetivos e hipóteses**

Tendo em conta a escassez de investigação acerca da associação entre as variáveis em análise, o presente estudo tem como principais objetivos avaliar a relação entre a empatia interpessoal de pais e mães, e as reações parentais às emoções negativas dos filhos, analisando o papel moderador do apoio social, de forma a incluir variáveis que possam ter impacto nesta relação. Pretendeu-se ainda analisar diferenças de género entre pais e mães na relação entre empatia e reações parentais.

Com base nas escassas evidências que apontam para mais reações parentais apoiantes quando há maior empatia (Fabes et al., 2002) formulou-se a primeira hipótese:

*H1.* Progenitores mais empáticos apresentarão mais reações apoiantes às emoções negativas dos filhos.

Nesta sequência, e com base nos estudos que relacionam a empatia com a agressão (considerando que a agressão é uma resposta punitiva e reação não apoiante) (e.g. Francis & Wolfe, 2008), prevê-se que:

*H2.* Progenitores menos empáticos apresentarão mais reações não apoiantes às emoções negativas dos filhos.

Por último, uma vez que a relação de parentalidade se insere e interage com diferentes contextos (e.g., Bronfenbrenner 1979, 1986; Lerner et al., 2002) e o apoio social tem

impacto em diferentes dimensões da parentalidade (e.g., Byrne et al., 2012; Ceballo & McLoyd, 2002; Rodriguez & Tucker, 2015), coloca-se a seguinte hipótese:

*H3.* A relação entre empatia e as reações parentais é moderada pelo apoio social emocional e instrumental.

Uma vez que mães e pais parecem diferir tanto na empatia (e.g., Davis, 1980; Guevara et al., 2015; Limpo et al., 2010) como nas reações parentais às emoções negativas das crianças (e.g., Engle & McElwain, 2011; Hurrell et al., 2015; McElwain et al., 2007; Nelson et al., 2016), formulou-se como quarta hipótese:

*H4.* A empatia e reações parentais vão diferir consoante o género do progenitor.

Concretamente, a literatura indica que as mães são mais empáticas (e.g., Davis, 1980; Francis & Wolfe, 2008; Guevara et al., 2015; Limpo et al., 2010) e apresentam mais reações apoiantes às emoções negativas das crianças (e.g. Alves & Cruz, 2011; Nelson et al., 2009; Wong et al., 2009) e menos reações não apoiantes do que os pais (e.g., Engle & McElwain, 2011; Nelson et al., 2009), portanto espera-se que:

*H4.1.* As mães serão mais empáticas do que os pais quer a nível cognitivo, quer emocional.

*H4.2.* As mães apresentarão mais reações parentais apoiantes às emoções negativas dos filhos do que os pais.

*H4.3.* Os pais apresentarão mais reações não apoiantes perante as emoções negativas dos filhos do que as mães.

## **Método**

O presente estudo está inserido no projeto de Doutoramento “*Parentalidade em desvantagem económica e social e ajustamento psicológico dos filhos*” da doutoranda Mariana Fernandes, atualmente a decorrer, com a orientação das Professoras Doutoradas Isabel Narciso e Marta Pedro (aprovado pela Comissão de Deontologia do Conselho Científico da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa em 2015).

### **Participantes**

A amostra do estudo incluiu um total de 184 participantes, 106 (57.6%) mães e 78 (42.4%) pais. Os participantes tinham idades compreendidas entre os 24 e os 53 anos



( $M=39.13$ ,  $DP = 6.03$ ), com o maior número de progenitores a situar-se entre os 31 e 40 anos (51.7%), seguidos de pais dos 41 aos 50 anos (38.2%), dos 20 aos 30 anos (7.3%) e, por último, dos 51 aos 60 anos (2,8%). A configuração familiar dos participantes é maioritariamente biparental ( $n = 158$ ; 85.9%) e as restantes monoparentais ( $n = 26$ ; 14.1%). Em termos de acompanhamento psicológico ou psiquiátrico, 160 progenitores (87.4%) referem nunca ter tido este tipo de acompanhamento, 20 (10.9%) já tiveram no passado e 3 (1.6%) têm atualmente. Quanto ao nível socioeconómico, 56 progenitores situam-se num nível alto (40.3%), 32 num nível médio-baixo (23%), 27 no nível médio (19.4%), 14 no nível baixo (10.1%) e 10 no nível médio-alto (7.2%). Os restantes dados sociodemográficos são apresentados na Tabela 1.

**Tabela 1**

*Dados sociodemográficos dos progenitores.*

Dados sociodemográficos	Progenitores ( $N = 184$ )
<b>Local de residência</b>	
Norte	0
Centro	124 (67.4%)
Lisboa e Vale do Tejo	60 (32.6%)
Alentejo	0
Algarve	0
<b>Situação relacional atual</b>	
Casado	128 (69.6%)
Coabitação conjugal (“viver junto”)	30 (16.3%)
Divorciado	11 (6%)
Viúvo	1 (0.5%)
Sem relação conjugal	14 (7.6%)
<b>Agregado familiar</b>	
Companheiro, filho(s)	155 (85.2%)
Companheiro, filho(s), outros familiares	2 (1.1%)
Filho(s)	19 (10.4%)
Filho(s), pais	2 (1.1%)
Pais	1 (0.5%)
Pais, filho(s), irmão(s)	2 (1.1%)
<b>Nível de escolaridade</b>	
0 a 4 anos de escolaridade	1 (0.5%)
5 a 6 anos de escolaridade	7 (3.8%)
7 a 9 anos de escolaridade	26 (14.3%)
10 a 12 anos de escolaridade	77 (42.3%)

Frequência Universitária	8 (4.4%)
Ensino Superior	63 (34.6%)
<b>Situação laboral atual</b>	
Trabalhador independente	22 (12%)
Trabalhador por conta de outrem	146 (79.8%)
Desemprego	14 (7.7%)
Independente + conta de outrem	1 (0.5%)
<b>Estatuto ocupacional</b>	
Trabalhador a tempo inteiro	158 (96.3%)
Trabalhador a tempo parcial	6 (3.7%)
<b>Categoria profissional</b>	
Militares	1 (0.6%)
Administração pública, dirigentes e empresas	12 (7%)
Profissões intelectuais e científicas	19 (11%)
Técnicos e profissionais de nível intermédio	40 (23.3%)
Administrativo e similares	21 (12.2%)
Serviços e vendedores	59 (34.3 %)
Agricultura e pesca	1 (0.6%)
Operários, artífices, similares	9 (5.2%)
Operadores de instalações e máquinas	4 (2.3%)
Trabalhadores não qualificados	6 (3.5%)
<b>Número total de filhos</b>	
1	73 (39.9%)
2	91 (49.7%)
3	16 (8.7%)
4	2 (1.1%)
5	1 (0.5%)
<b>Idade dos filhos</b>	
Dos 3 aos 5 anos	14 (7.8%)
Dos 6 aos 8 anos	63 (34.9%)
Dos 9 aos 11 anos	76 (42.2%)
12 anos	26 (14.5%)
<b>Religiosidade</b>	
Crente	162 (88%)
Não crente	22 (12%)

---

Acerca do filho sobre o qual os progenitores responderam ao questionário, 108 são do sexo masculino (58.7%) e 76 do sexo feminino (41.3%), sendo a idade média deste filho 8.75 anos (DP = 2.39). Destas crianças, 179 são filhos biológicos (97.3%), 2 são adotados (1.1%) e 3 são enteados (1.6%). A nível de apoios, 137 não beneficiavam de

qualquer tipo de apoio (74.5%), 35 tinham apoio escolar (19%), 7 frequentavam a terapia da fala (3.8%), 2 beneficiavam de apoio psicológico (1.1%), 1 tinha apoio escolar e psicológico (0.5%), 1 tinha simultaneamente apoio escolar, psicológico e pedopsiquiátrico (0.5%) e 1 criança tinha apoio psicológico e terapia da fala (0.5%). Os restantes dados encontram-se na Tabela 2.

**Tabela 2**

*Dados sociodemográficos dos filhos alvo.*

Dados sociodemográficos	Filho alvo (N = 184)
<b>Escolaridade</b>	
Em casa/Creche	1 (0.6%)
Ensino pré-escolar	24 (13.3%)
1º Ciclo (1º ao 4º ano)	81 (45%)
2º Ciclo (5º e 6º ano)	57 (31.7%)
3º Ciclo (7º ao 9ºano)	16 (8.9%)
<b>Filho do atual companheiro</b>	
Sim	148 (80.4%)
Não	12 (6.5%)
Não se aplica	24 (13%)
<b>Tempo de residência com o progenitor respondente</b>	
30 dias por mês	166 (90.2%)
26 dias por mês	2 (1.1%)
20 dias por mês	7 (3.8%)
15 dias por mês	5 (2.7%)
10 dias por mês	2 (1.1%)
8 dias por mês	1 (0.5%)
2 dias por mês	1 (0.5%)
<b>Agregado familiar</b>	
Pais	85 (46.2%)
Pais e irmãos	94 (51.1%)
Pais, irmãos e avós	1 (0.5%)
Pais e avós	4 (2.2%)

Os critérios de inclusão para a participação no estudo eram: (a) ser mãe ou pai de pelo menos um filho com idade compreendida entre os 6 e os 12 anos; e (b) conseguir ler e escrever Língua Portuguesa.

## Procedimento

A recolha da amostra decorreu em diferentes zonas de Portugal, tendo sido usado neste processo o método “bola de neve”, em que a equipa de investigação recrutou os participantes através das suas redes sociais informais. Os progenitores que aceitaram integrar o estudo receberam um protocolo que era preenchido por si de forma autónoma. Cada protocolo continha na primeira página as informações relativas ao consentimento informado, nomeadamente os objetivos gerais da investigação, os critérios de participação, o tempo médio de preenchimento do questionário, garantia do anonimato e confidencialidade dos dados, a voluntariedade da participação e possibilidade de desistência a qualquer momento e o remetimento para o Serviço à Comunidade da FPUL, se necessário. Os participantes deveriam assinar o consentimento informado e prosseguir para a realização do protocolo, que continha no seu conteúdo as instruções de preenchimento e respetivos questionários. Após o preenchimento, o protocolo era entregue ao investigador.

## Instrumentos

**Variáveis sociodemográficas.** O protocolo de investigação incluiu um questionário sociodemográfico com o objetivo de recolher informações diversificadas e pertinentes acerca dos participantes e respetivo(s) filho(s) (e.g., sexo, idade, escolaridade, situação profissional, número de filhos, sexo do filho alvo, apoios do filho alvo).

**Reações parentais às emoções negativas dos filhos.** As reações parentais às emoções negativas dos filhos foram analisadas através do *Coping With Children's Negative Emotions Scale (CCNES; Fabes et al., 1990)*, versão portuguesa - *Questionário de Avaliação das Reações Parentais às Emoções Negativas dos Filhos (RPEN; Alves & Cruz, 2011)*. Este instrumento é de autorrelato e permite perceber como é que os progenitores tendem a reagir às emoções negativas dos filhos. Está organizado em 2 escalas, Reações Apoiantes e Reações Não Apoiantes, que se dividem em 3 subescalas cada, perfazendo um total de 6 subescalas. As Reações Apoiantes dizem respeito a formas construtivas dos progenitores responderem quando se encontram perante a expressão dos filhos de emoções negativas. Fazem parte das Reações Apoiantes: Reações Focadas no Problema, em que os progenitores ajudam a criança a lidar com o problema que desencadeou as emoções negativas; Reações Focadas na Emoção, onde os pais recorrem a estratégias que ajudam a criança a lidar com o que está a sentir; e Encorajamento

Expressivo, quando os progenitores encorajam a criança a expressar as suas emoções e aceitam a expressão das suas emoções negativas. Já as Reações Não Apoiantes surgem quando os progenitores reagem de forma negativa às expressões emocionais negativas das crianças. Das Reações Não Apoiantes fazem parte: Reações de Minimização, em que há, por parte dos pais, a desvalorização das emoções dos filhos ou das situações que as despoletaram; Reações de Punição, que podem ser de cariz verbal ou físico e nos quais há a tentativa de controlar as exhibições das emoções negativas das crianças; e Reações de Stress, quando os pais ficam preocupados ou desconfortáveis perante a expressão dos filhos de emoções negativas. Neste instrumento são apresentados 12 cenários hipotéticos (e.g., “*Se o meu filho cai de bicicleta e a estraga, e depois fica chateado, eu...*”) em que a criança expressa emoções negativas e apresentadas 6 possíveis respostas parentais representativas das subescalas (e.g., “*Digo-lhe que está a reagir de forma exagerada.*”), às quais os progenitores devem responder com que frequência é que provavelmente manifestariam aquela reação, numa escala de *Likert* de 7 pontos (“1 = Nada provável” e “7 = Muito provável”). Inclui assim um total de 72 itens. Tanto a versão original como a versão portuguesa da escala revelaram propriedades psicométricas adequadas. Em termos da consistência interna, no presente estudo as escalas e subescalas apresentaram, no geral, valores adequados de alfa de *Cronbach*, nomeadamente Reações Apoiantes 0.85, Reações Não Apoiantes 0.70, Reações Focadas no Problema 0.83, Reações Focadas na Emoção 0.84, Encorajamento Expressivo 0.87, Reações Punitivas 0.76 e Reações de Minimização 0.74. Apenas as Reações de Stress (alfa de *Cronbach* de 0.44) demonstraram menor consistência interna, no entanto esta subescala não foi incluída na análise.

Uma vez que a análise da relação de todas as subescalas deste instrumento com a empatia e o apoio social se tornaria uma análise detalhadamente complexa, apenas foram usadas as escalas das Reações Apoiantes e Reações Não Apoiantes como medidas globais representativas das respostas parentais às emoções negativas dos filhos.

***Empatia interpessoal.*** A empatia foi avaliada através do *Índice de Reactividade Interpessoal* - IRI (Limpo, Alves & Castro, 2010), cuja versão original se designa por *Interpersonal Reactivity Index* (Davis, 1980, 1983). É um instrumento de autorrelato que avalia aspetos separados do conceito global de empatia (Davis, 1980). Esta escala é constituída por 24 itens que se referem a sentimentos ou pensamentos que o indivíduo possa ou não ter experienciado. A resposta é dada numa escala de *Likert* de 1 a 5 (1 = “Não me descreve bem” e 5 = “Descreve-me muito bem”). A escala está dividida em 4

subescalas (cada uma com 6 itens): Tomada de Perspetiva, que reflete a tendência espontânea para adotar as perspetivas e pontos de vista do outro (e.g., “*Por vezes tento compreender melhor os meus amigos imaginando a sua perspetiva de ver as coisas*”); Preocupação Empática, que avalia a capacidade da pessoa experienciar sentimentos de compaixão e preocupação pelo outro (e.g., “*Fico muitas vezes emocionado(a) com coisas que vejo acontecer*”); Desconforto Pessoal e Fantasia. Nesta investigação, apenas foram analisadas as dimensões Tomada de Perspetiva, como representativa da empatia cognitiva, e Preocupação Empática, como representativa da empatia emocional, de forma a simplificar o processo de análise. Foram mantidas estas dimensões uma vez que um vasto corpo de literatura (e.g., Kerr & Speroff, 1954; Stotland, 1969) aponta a importância destes dois grandes domínios da empatia, cognitivo e emocional.

No estudo de adaptação para a população portuguesa, a escala demonstrou propriedades psicométricas adequadas e foi replicado o padrão de correlações entre as subescalas observado na construção da escala original e em adaptações a outras línguas. Quanto à consistência interna, a Preocupação Empática apresentou um alfa de *Cronbach* de 0.74, a Tomada de Perspetiva de 0.71, a escala Fantasia 0.67 e, por último o Desconforto Pessoal tomou o valor de 0.60.

**Apoio Social.** O apoio social foi analisado através do *Convoy Model Diagram* – Redes de Apoio Social (CMD; Kahn, & Antonucci, 1980), adaptado para a população portuguesa (Gameiro et al., 2006). Este instrumento tem em consideração os aspetos estruturais e funcionais do apoio social percebido do indivíduo. A nível dos aspetos estruturais permite obter informação sobre a dimensão da rede social, o tipo de relações que compõem essa rede, o grau de importância ou proximidade dessas relações e a proporção de membros por nível de proximidade. Relativamente aos aspetos estruturais permite perceber a quantidade e tipo de apoio recebido (emocional e instrumental) e a satisfação global do sujeito com esse apoio. A avaliação com a utilização do *Convoy Model Diagram* é feita num primeiro momento pela análise da rede de apoio social do indivíduo. Para tal é utilizada uma técnica de representação espacial, através de um diagrama com quatro círculos concêntricos, pelos quais os indivíduos distribuem os membros da sua rede social. Num momento posterior, o indivíduo faz uma avaliação do apoio recebido das pessoas que colocou nos círculos, de acordo com nove funções específicas (e.g., “*Esta pessoa ajuda-o(a) nas tarefas domésticas?*”; “*Esta pessoa ajuda-o(a) nos pequenos problemas do dia-a-dia?*”). Faz também a avaliação da satisfação

global do apoio recebido por cada uma das pessoas indicadas, numa escala de *Likert* de 0 a 5, em que 0 corresponde ao mínimo e 5 ao máximo. Em termos da consistência interna, este instrumento apresentou na investigação índices adequados, nomeadamente no Apoio Emocional o alfa de *Cronbach* tomou um valor de 0.95, no Apoio Instrumental de 0.90 e na Satisfação Global com o Apoio Recebido de 0.81.

### **Análise estatística**

A análise dos dados foi realizada com recurso ao *software* estatístico *Statistical Package for the Social Sciences (SPSS; versão 23)*. Em primeiro lugar, realizou-se a análise descritiva dos dados (médias e desvios-padrão) e analisou-se o padrão de relações entre as variáveis através do coeficiente de Pearson. De seguida, procedeu-se à análise das diferenças entre pais e mães, através do teste *t* de Student para amostras independentes. Posteriormente, realizaram-se várias regressões múltiplas lineares com vista a analisar o papel moderador do apoio social (emocional e instrumental), na relação entre a empatia e as reações parentais às emoções negativas dos filhos. Para o tratamento dos valores omissos utilizou-se uma análise de *expectation-maximization algorithm*.

## **Resultados**

### **Estatística descritiva e comparação de médias entre mães e pais**

São apresentados na Tabela 3 os resultados médios e respetivos desvios-padrão das variáveis empatia (cognitiva e emocional), reações parentais às emoções negativas dos filhos (apoiantes e não apoiantes) e apoio social (emocional e instrumental), para mães e pais em separado. Apresentam-se ainda os resultados do teste *t* para amostras independentes. Tal como se pode observar na Tabela 3, existem diferenças significativas entre mães e pais quanto à empatia emocional e às reações apoiantes às emoções negativas dos filhos, com as mães a apresentar valores médios mais elevados dos que os pais. Não foram encontradas diferenças significativas entre mães e pais relativamente às outras variáveis em estudo.

**Tabela 3***Estatísticas descritivas das variáveis em estudo e diferenças de médias entre mães e pais.*

Variáveis	Amplitude	Mães (n = 106)		Pais (n = 78)		t
		M	DP	M	DP	
Empatia cognitiva	1-5	3.63	0.62	3.58	0.49	0.56
Empatia emocional	1-5	4.11	0.59	3.79	0.58	3.69**
Reações parentais apoiantes	1-7	5.36	0.82	5.09	0.72	2.35*
Reações parentais não apoiantes	1-7	3.17	0.62	3.28	0.52	-1.25
Apoio emocional	1-5	2.62	0.99	2.49	0.96	0.85
Apoio instrumental	1-5	1.74	0.71	1.65	0.57	0.88

Nota. \* $p < 0.05$ . \*\* $p < 0.01$ .**Análise de correlações**

Na Tabela 4 apresentam-se os valores das correlações entre as variáveis em estudo, obtidas através do coeficiente de correlação de Pearson. De modo geral, as correlações são consistentes com o padrão de relações esperado entre as variáveis, havendo correlações entre a empatia e as reações parentais às emoções negativas das crianças. No que diz respeito à variável empatia, verificou-se que tanto a empatia cognitiva como a empatia emocional se correlacionam de forma positiva e moderada com as reações parentais apoiantes, e que a empatia emocional se correlacionou de forma negativa e fraca com as reações parentais não apoiantes. Quanto ao apoio social, a empatia cognitiva correlacionou-se de forma significativa e fraca com o apoio emocional e a empatia emocional apresentou correlações positivas fracas com o apoio emocional e o apoio instrumental.



**Tabela 4**

*Intercorrelações entre a empatia, as reações parentais às emoções negativas dos filhos e o apoio social (N = 184).*

	1	2	3	4	5	6
1. Empatia cognitiva						
2. Empatia emocional	0.56**					
3. Reações parentais apoiantes	0.32**	0.39**				
4. Reações parentais não apoiantes	-.11	-.16*	0.03			
5. Apoio emocional	0.25**	0.24**	0.07	-.08		
6. Apoio instrumental	0.14	0.17*	0.03	-.00	0.82**	

Nota. \* $p < 0.05$ . \*\* $p < 0.01$ .

### **Análise de regressões**

De modo a investigar o papel moderador do apoio social na relação entre a empatia e as reações parentais às emoções negativas dos filhos (apoiantes e não apoiantes), recorreu-se à análise de regressões múltiplas lineares, para verificar a existência de efeitos de interação entre a empatia e o apoio social. Para este efeito, conduziram-se várias regressões múltiplas, utilizando a empatia emocional, a empatia cognitiva, o apoio emocional e o apoio instrumental, bem como os produtos entre os dois tipos de empatia e de apoio social como preditores: quatro regressões a predizer as reações parentais apoiantes e quatro regressões a predizer as reações parentais não apoiantes. As suposições para a realização da análise de regressões foram avaliadas (e.g., normalidade, multicolinearidade). Nenhuma das suposições foi violada.

***Reações parentais apoiantes às emoções negativas dos filhos.*** De acordo com o que é apresentado na Tabela 5 há efeitos principais da empatia cognitiva e da empatia emocional nas respostas parentais apoiantes. Não foram encontrados efeitos de interação significativos entre a empatia e o apoio social, quer emocional quer instrumental. Todos os modelos testados foram significativos.

**Tabela 5***Análises de regressões múltiplas lineares para as reações parentais apoiantes.*

	Coeficientes não estandardizados		Coeficientes estandardizados		
	<i>B</i>	E.P. <i>B</i>	$\beta$	$R^2$	<i>F</i>
<b>Modelo 1</b>					
Empatia cognitiva	0.49	0.10	0.35**		
Apoio emocional	-.02	0.06	-.02	0.12	8.00**
Empatia cognitiva $\times$ apoio emocional	0.16	0.09	0.12		
<b>Modelo 2</b>					
Empatia cognitiva	0.48	0.10	0.35**		
Apoio instrumental	-.02	0.08	-.02	0.11	7.74**
Empatia cognitiva $\times$ apoio instrumental	0.21	0.14	0.11		
<b>Modelo 3</b>					
Empatia emocional	0.52	0.09	0.40**		
Apoio emocional	-.02	0.06	-.03	0.16	10.99**
Empatia emocional $\times$ apoio emocional	0.05	0.09	0.04		
<b>Modelo 4</b>					
Empatia emocional	0.52	0.09	0.40**		
Apoio instrumental	-.05	0.08	-.04	0.16	11.04**
Empatia emocional $\times$ apoio instrumental	0.08	0.14	0.04		

Nota. EP = Erro padrão; \* $p < 0.05$ . \*\* $p < 0.01$ .

**Reações parentais não apoiantes às emoções negativas dos filhos.** No que diz respeito às reações não apoiantes dos progenitores face às emoções negativas dos filhos, verificou-se apenas um efeito principal negativo significativo da empatia emocional (Tabela 6). Não se observaram efeitos significativos de interação entre a empatia (cognitiva e emocional) e o apoio social (emocional e instrumental) relativamente às reações parentais não apoiantes. Todos os modelos testados foram significativos.

**Tabela 6***Análises de regressões múltiplas lineares para as reações parentais não apoiantes.*

	Coeficientes não estandardizados		Coeficientes estandardizados		
	<i>B</i>	E.P. <i>B</i>	$\beta$	$R^2$	<i>F</i>
<b>Modelo 5</b>					
Empatia cognitiva	-.11	0.08	-.11		
Apoio emocional	-.03	0.05	-.05	0.02	1.03
Empatia cognitiva × apoio emocional	-.04	0.07	-.04		
<b>Modelo 6</b>					
Empatia cognitiva	-.13	0.08	-.13		
Apoio instrumental	0.01	0.07	0.02	0.02	0.97
Empatia cognitiva × apoio instrumental	-.08	0.11	-.05		
<b>Modelo 7</b>					
Empatia emocional	-.14	0.07	-.15*		
Apoio emocional	-.03	0.05	-.04	0.03	1.68
Empatia emocional × apoio emocional	0.01	0.07	0.01		
<b>Modelo 8</b>					
Empatia emocional	-.16	0.07	-.17*		
Apoio instrumental	0.03	0.07	0.03	0.03	1.70
Empatia emocional × apoio instrumental	-.06	0.11	-.04		

Nota. EP = Erro padrão; \* $p < 0.05$ . \*\* $p < 0.01$ .

## Discussão

A presente investigação contribuiu para a literatura acerca das reações parentais à expressão emocional dos filhos, um tópico ainda pouco explorado na literatura. Tendo como principal objetivo avaliar a relação entre a empatia interpessoal de pais e mães e as reações parentais às emoções negativas dos filhos, investigando o papel moderador do apoio social nesta relação. Pretendeu-se ainda analisar diferenças de género do progenitor na relação entre a empatia e as reações parentais.

Os resultados serão discutidos de acordo com as hipóteses de estudo.

### **H1. Progenitores mais empáticos apresentarão mais reações apoiantes às emoções negativas dos filhos**

Tal como esperado, os resultados obtidos confirmaram a primeira hipótese do estudo, revelando que tanto a empatia cognitiva como a empatia emocional são preditores de reações parentais apoiantes, por parte de pais e mães. Tal parece indicar que

progenitores com níveis mais elevados de empatia (cognitiva e emocional) poderão ter mais facilidade em colocar-se no lugar da criança, em sentir preocupação e compaixão pela mesma e em compreender as razões pelas quais a criança está a exibir um certo comportamento disruptivo. Consequentemente, esta capacidade dos progenitores poderá aumentar a tendência para reagir de forma apoiante quando a criança expressa emoções negativas, exibindo comportamentos como reagir com calma, ajudar a criança a refletir nas soluções para o problema com que se está a confrontar, confortá-la, distraí-la ou focar sentimentos mais positivos, apoiá-la e encorajá-la a expressar as emoções. Estes dados são consistentes com o estudo de Fabes e colaboradores (2002) em que progenitores mais empáticos e com capacidade para tomar a perspetiva do outro responderam às emoções negativas dos filhos de forma mais apoiante e menos severa. Estes resultados são também congruentes com evidências que indicam que progenitores mais empáticos prestam cuidados de forma mais harmoniosa (Soenens et al., 2007) e mostram mais afeto positivo (Kochanska, 1997) para com os seus filhos. Por outras palavras, quando os progenitores são empáticos serão também mais afetuosos com a criança, e, por isso, as respostas às suas emoções negativas serão baseadas na compreensão e validação das emoções. Os estudos que relacionam a empatia com os estilos de parentalidade também podem contribuir para a explicação dos resultados encontrados. Especificamente, há evidências que mostram que níveis mais elevados de empatia interpessoal estão associados ao estilo autoritativo (e.g., Baumrind, 1991; Rocha, 2016), que é marcado por métodos disciplinares que são apoiantes, em vez de punitivos (Mensah & Kuranchie, 2013), o que pode explicar as respostas parentais apoiantes. A relação encontrada entre a empatia e as reações parentais apoiantes pode ainda ser discutida à luz do amplo corpo de investigação que liga a empatia ao comportamento pró-social (e.g., Batson & Shaw, 1991; Penner, Dovidio, Piliavin, & Schroeder, 2005). Por exemplo, de acordo com a hipótese empatia-altruísmo, a empatia está ligada ao altruísmo de maneira a proteger ou promover o bem-estar da pessoa cujo comportamento despoletou o sentimento de empatia (Batson, 1991). Desta forma, pode acontecer que a manifestação de emoções negativas por parte dos filhos (e.g., tristeza), desperte nos progenitores o sentimento de empatia, e, consequentemente, altruísmo. Assim, os pais tentarão proteger a criança e promover o seu bem-estar, reagindo às emoções da mesma com comportamentos confortantes e de ajuda, ou seja, respondendo de forma apoiante.

Há ainda variáveis que, apesar de não terem sido contempladas no presente estudo, poderão ajudar a compreender melhor a associação encontrada entre a empatia e as

reações parentais apoiantes. Nomeadamente, este resultado poderá também estar relacionado com a regulação emocional dos progenitores, sendo que pais e mães com melhor capacidade para regular as suas emoções e comportamentos são mais aptos a usar estratégias de socialização apoiantes quando confrontados com situações desafiantes de parentalidade (Blandon, 2015; Han, Qian, Gao, & Dong, 2015), nomeadamente a demonstração de emoções negativas por parte dos seus filhos (Han et al., 2015).

## **H2. Progenitores menos empáticos apresentarão mais reações não apoiantes às emoções negativas dos filhos**

Relativamente à segunda hipótese do presente estudo, foi encontrado um efeito principal negativo da empatia emocional nas reações não apoiantes, indicando que progenitores que apresentam menos empatia emocional têm mais reações não apoiantes perante as emoções negativas dos seus filhos. No entanto, não foram encontrados efeitos significativos da empatia cognitiva ao nível das reações parentais não apoiantes, o que leva a que esta hipótese seja parcialmente confirmada. Apesar da escassez de estudos que investiguem diretamente a relação entre a empatia interpessoal e as reações parentais à expressão emocional dos filhos, os resultados encontrados parecem ir ao encontro da literatura que relaciona a empatia com a agressão parental, tendo em conta que esta pode ser considerada como uma reação não apoiante por parte dos progenitores (e.g., de Paúl et al., 2008; Francis & Wolfe, 2008; Kilpatrick, 2005; Maibom, 2012; Perez-Albeniz & de Paul, 2003; Perez-Albeniz & de Paul, 2004; Rodriguez, 2013). Neste sentido, os dados observados neste estudo são consistentes com os resultados de estudos anteriores que demonstram que progenitores com elevado risco de abuso físico à criança apresentam níveis de empatia emocional significativamente inferiores aos de pais de baixo risco, não apresentando diferenças significativas quanto à empatia cognitiva (Perez-Albeniz & de Paul, 2003). Do mesmo modo, há evidências empíricas que indicam que progenitores do sexo masculino, com elevado risco de abuso físico, reportam através de instrumentos de autorrelato, menos empatia, quer cognitiva, quer emocional (Francis & Wolfe, 2008).

Este resultado obtido na presente investigação pode dever-se a uma variedade de fatores. Uma explicação possível está relacionada com o facto de que progenitores menos empáticos provavelmente possuem menos capacidade de regulação emocional, havendo evidências de que progenitores que têm mais dificuldade na regulação das suas próprias emoções são mais propensos a reagir de forma não apoiante às emoções negativas dos filhos (Han et al., 2015). Este resultado pode ainda estar ligado à relação entre a empatia

emocional, bem como o sentimento de compaixão a ela associado, e o comportamento pró-social (e.g., Batson, 1991; Leiberger, Klimecki, & Singer, 2011). Isto é, pode acontecer que pais e mães menos empáticos tenham menos compaixão para com os seus filhos e, portanto, reajam de forma menos pró-social, tendo menos consideração pelas necessidades e bem-estar da criança, e, assim, respondendo de forma não apoiante. Para além disso, há evidências que indicam que níveis mais baixos de empatia estão relacionados com o estilo parental autoritário (e.g., Baumrind, 1991; Rocha, 2016), caracterizado pelo uso de comportamentos punitivos dos progenitores para com as crianças e pela prevalência do “mundo” do progenitor (Mensah & Kuranchie, 2013). Deste modo faz sentido que mães e pais que sejam menos empáticos tenham mais em conta os seus próprios sentimentos e pensamentos e se centrem menos na criança e, por isso, reajam mais de forma não apoiante, por não estarem tão disponíveis para perceber a criança e prestar o conforto e auxílio que ela necessita aquando da exibição de emoções negativas. Pode ainda acontecer que, por serem mais empáticos, os progenitores tenham crenças mais aceitantes acerca das emoções negativas da criança e isso os faça reagir menos de forma não apoiante, pois há dados que indicam que quando os progenitores têm crenças mais aceitantes tendem a responder com menos reações não apoiantes (Wong et al., 2009). Relativamente ao facto da empatia cognitiva não ter sido preditor de reações não apoiantes, tal poderá estar relacionado com a ideia de Smith (2006) de que, em termos evolucionistas, partilhar as emoções negativas dos outros pode ter custos para o próprio sujeito. Assim, independentemente da capacidade do progenitor se colocar no lugar da criança, o pai ou a mãe podem tentar distanciar-se das emoções negativas dos filhos e evitar fazer o exercício de se colocarem na sua perspetiva de forma a que as emoções negativas da criança não contagiem as suas próprias emoções nem lhes tragam custos adicionais. Conclui-se assim, quer pelos dados desta investigação quer pela literatura existente, que a empatia tem um importante papel nas reações parentais às emoções negativas dos filhos. Contudo, é necessária mais investigação para clarificar a relação entre estas variáveis.

### **H3. A relação entre empatia e as reações parentais é moderada pelo apoio social emocional e instrumental**

Ao contrário do que era esperado, o apoio social, quer emocional, quer instrumental, não moderou a relação entre a empatia e as reações parentais (apoiantes e não apoiantes) às emoções negativas dos filhos. Estes resultados parecem contradizer o

grande corpo de investigação que apresenta o apoio social como uma importante variável de influência na parentalidade (e.g., Oravec, Osteen, Sharpe, & Randolph, 2011), nomeadamente na promoção da parentalidade positiva e de qualidade (e.g., Byrnes & Miller, 2012; Ceballo & McLoyd, 2002; Hashima & Amato, 1994; Leinonen et al., 2003; Lippold et al., 2017; Marra et al., 2009; Su & Hynie, 2011; Woody III & Woody, 2007). Contudo, importa referir que os estudos existentes são sobre aspetos da parentalidade que não a relação entre empatia e reações parentais, sendo necessária mais investigação para perceber se o apoio social exerce efeitos sobre estas variáveis da parentalidade e, caso exerça, de que forma o faz. É igualmente importante investigar de maneira a compreender como é que os múltiplos domínios do apoio se relacionam com as práticas parentais (Serrano-Villar, Huang, & Calzada, 2016), nomeadamente as reações às emoções negativas das crianças. O facto de não ter havido moderação pode ainda estar relacionado com variáveis que não foram controladas nesta investigação e que possam ter influenciado os resultados, como por exemplo: a idade dos progenitores (e.g., Hashima & Amato, 1994), diferenças culturais (e.g., Yu, Volling, & Niu, 2015), nível de escolaridade dos progenitores ou o género da criança (e.g., Alves & Cruz, 2011). Mais concretamente, e no que diz respeito à idade, há evidências de que os progenitores mais novos reportam menos comportamentos parentais apoiantes (e.g., abraçar) do que progenitores mais velhos (Hashima & Amato, 1994). Já relativamente à cultura, Yu e colaboradores (2015) obtiveram resultados em que os progenitores chineses se mostraram mais apoiantes do que progenitores americanos. Numa investigação portuguesa, as mães com menos anos de escolaridade mostraram mais reações de stress e aquelas cuja escolaridade era mais elevada reagiram mais focando-se no problema (Alves & Cruz, 2011). No mesmo estudo, observaram-se diferentes reações parentais consoante o género da criança, com as mães dos rapazes a apresentar mais reações de stress e punição perante a emocionalidade negativa dos filhos do que as mães das raparigas (Alves & Cruz, 2011).

#### **H4. A empatia e reações parentais vão diferir consoante o género do progenitor**

**Especificamente, H4.1. As mães serão mais empáticas do que os pais quer a nível cognitivo, quer emocional e H4.2. As mães apresentarão mais reações parentais apoiantes às emoções negativas dos filhos do que os pais**

No que diz respeito ao género do progenitor, os resultados foram ao encontro do esperado, indicando diferenças significativas na empatia emocional e nas reações parentais apoiantes das mães e dos pais. Em particular, as mães demonstraram mais

sentimentos de preocupação e compaixão (empatia emocional) pelos seus filhos do que os pais. As mães reportaram ainda usar mais estratégias que apelam à validação das emoções da criança, ajudam mais os filhos a regular as suas emoções e fornecem mais soluções à criança que lhes permitem lidar com as emoções negativas em diferentes situações (reações parentais apoiantes). Estes resultados apontam para a diferença entre sexos e são congruentes com a maioria de investigação que explora as diferenças de género do progenitor na empatia e nas reações parentais (e.g., Alves & Cruz, 2011; Davis, 1980; Hurrell et al., 2015; Limpo et al., 2010; McElwain et al., 2007; Nelson et al., 2009; Nelson et al., 2016; Wong et al., 2009), mostrando que pais e mães têm papéis diferentes na socialização emocional da criança (e.g., Cassano & Zeman, 2010; Eisenberg et al., 1996; Wong et al., 2009).

Os resultados confirmaram parcialmente a hipótese de que as mães são mais empáticas do que os pais, uma vez que as mães se revelaram mais empáticas do que os pais, mas apenas ao nível da empatia emocional. Ou seja, as mães demonstraram ter mais sentimentos de compaixão e preocupação pela criança do que os pais, apesar da tendência das mães para adotar a perspetiva e pontos de vista da criança não ser significativamente diferente da dos pais. Este resultado é consistente com a literatura que indica que as mulheres são mais empáticas do que os homens (e.g., Davis, 1980; Guevara et al., 2015; Limpo et al., 2010). Podem estar presentes maiores níveis de empatia nas mães porque estas são geralmente consideradas mais emocionais, afetuosas (Shields, 2013) e mais cuidadoras do que os pais (Lamb & Lewis, 2010). Pode acontecer que os pais tenham menos interações com as crianças, comparativamente às interações mãe-criança (van der Pol et al., 2015), o que pode levar a que tenham menos oportunidades para mostrar empatia para com os seus filhos. Para além disso, a Teoria dos Papéis considera que pais e mães internalizam estereótipos de papéis de género, o que os leva a ter diferentes comportamentos parentais (Holt & Ellis, 1998). Por exemplo, nas culturas Ocidentais, é esperado que os homens sejam mais dominantes e as mulheres mais orientadas para a relação (McIntyre & Edwards, 2009). A literatura parece assim indicar que as mães são mais emocionais e estão mais habituadas a lidar com as emoções, sendo possivelmente por isso mais empáticas do que os pais. Contudo, o facto de apenas se terem encontrado efeitos significativos relativamente à empatia emocional não é totalmente congruente com a investigação existente, pois há evidências que revelam que as mães são mais empáticas do que os pais, tanto no domínio cognitivo como emocional (Davis, 1980; Limpo et al., 2010). Este resultado poderá ser explicado devido ao facto das mães serem tipicamente



mais expressivas a nível emocional do que os pais (e.g., Brody, 2000; Dunsmore, Her, Halberstadt, & Perez-Rivera, 2009; Wong et al., 2009) mas tanto mães como pais apresentarem semelhantes capacidades para se colocar no lugar da criança.

Em termos das reações parentais, as mães reagiram mais de forma apoiante às emoções negativas dos filhos, o que é congruente com a ideia de que o género do progenitor influencia os comportamentos de socialização emocional (Brown, Craig, & Halberstadt, 2015). Este resultado vai ao encontro das evidências existentes (Alves & Cruz, 2011; Hurrell et al., 2015; McElwain et al., 2007; Nelson et al., 2009; Nelson et al., 2016; Wong et al., 2009), que indicam que as mães respondem de maneira mais apoiante do que os pais. Uma possível explicação para este dado poderá prender-se com o facto de as mães apresentarem mais expressividade positiva do que os pais no contexto familiar (Brown et al., 2015), ou porque quando confrontadas com momentos de stress da criança, as mães tendem a fornecer mais apoio emocional às crianças do que os pais (Grossmann et al., 2002). Por outro lado, nalgumas culturas, nomeadamente a cultura europeia-americana, as mães tendem a ser mais responsáveis do que os pais pelo desenvolvimento socio-emocional das crianças (Bianchi, 2011; Bird, 1997). Existem ainda evidências que apontam que as mulheres são mais competentes do que os homens relativamente à descodificação de expressões emocionais subtis (Hoffmann, Kessler, Eppel, Rukavina, & Traue, 2010) e que as mães elaboram mais sobre as emoções do que os pais (van der Pol, 2015). Tendo em conta estes resultados é possível perceber que as mães estejam mais habituadas a lidar com as emoções, quer pelo seu papel nos comportamentos de socialização emocional, quer pelas suas capacidades emocionais enquanto mulheres, o que poderá contribuir para que reajam de forma mais aceite, tranquila e eficaz quando os seus filhos manifestam emoções negativas, ou seja, apresentem mais reações apoiantes do que os pais nos momentos em que a criança revela emoções negativas.

#### **H4.3. Os pais apresentarão mais reações não apoiantes perante as emoções negativas dos filhos do que as mães**

Não houve diferenças significativas entre pais e mães nas respostas parentais não apoiantes, ou seja, não houve diferenças quanto às respostas negativas dos progenitores às emoções dos filhos, que muitas vezes envolvem evitamento ou minimização das experiências emocionais da criança (Eisenberg & Fabes, 1994; Kliewer, Fearnow, & Miller, 1996). A ausência de diferenças significativas entre pais e mães nas reações parentais não apoiantes é congruente com um estudo de Brown e colaboradores (2015)

em que pais e mães de europeus-americanos e afro-americanos obtiveram níveis similares de expressão emocional negativa. No entanto, estes dados são contrários à maioria da literatura que indica que os pais apresentam mais reações não apoiantes do que as mães (Engle & McElwain, 2011; Nelson et al., 2009). Este resultado poderá ter sido devido à maior tendência dos pais (quando comparados com as mães) para mascarar as emoções (Dunsmore et al., 2009) o que poderá levar os pais a controlar as suas emoções de maneira a não reagir com comportamentos punitivos, de minimização emocional das emoções da criança ou, ainda, de desconforto face à emocionalidade negativa da mesma.

### **Limitações e implicações futuras**

A presente investigação contribuiu para o aumento da literatura sobre a relação entre a empatia interpessoal e as respostas parentais à expressão emocional dos filhos, ajudando a colmatar a escassez de estudos nesta área. No entanto, devem referir-se algumas limitações.

A nível metodológico, uma das limitações diz respeito à amostra. Apesar de a presente investigação integrar pais e mães, não houve uniformidade quanto ao número de participantes de cada género, havendo mais mães a participar no estudo. Quanto ao procedimento de aplicação dos protocolos, o facto de os participantes terem respondido aos questionários na sua habitação não permitiu garantir se responderam sozinhos e/ou com as condições adequadas (e.g., ausência de ruído, luz adequada). O uso exclusivo de instrumentos de autorrelato também se constituiu uma limitação, uma vez que se considerou apenas a visão dos progenitores relativamente à sua empatia, reações parentais e apoio social. De forma a obter dados mais realistas, devem ser incluídas medidas diversificadas (e.g., observação) em estudos posteriores. Para além disso o próprio instrumento de avaliação das reações parentais às emoções negativas dos filhos (*RPEN*; Alves & Cruz, 2011) trata de situações hipotéticas, não sendo uma medida de comportamentos parentais reais, o que pode influenciar os resultados (Mackler et al., 2015). Também o facto das instruções do *Convoy Model Diagram* (Gameiro et al., 2006) serem extensas pode ter suscitado dificuldades de compreensão das instruções por parte dos participantes, podendo levar a erros no preenchimento do questionário. Por último, este estudo teve um carácter transversal, não permitindo analisar relações de causalidade entre as variáveis.

Para além destas limitações, a literatura indica que o género da criança tem um papel fundamental nas reações parentais às emoções negativas dos filhos (e.g. Alves &

Cruz, 2011; Brown et al., 2015; Engle & McElwain, 2011; Garner, Robertson, & Smith, 1997), o que não foi analisado na presente investigação. Embora hajam já algumas evidências neste âmbito, são necessários mais estudos para compreender melhor os processos que levam à existência das diferenças nas reações parentais em função do género da criança (Engle & McElwain, 2011). Outra limitação está relacionada com o facto de não se terem analisado algumas variáveis que noutros estudos se associaram às reações parentais, como a educação (e.g., Altan-Aytun et al., 2013), a cultura (e.g., Yu et al., 2015) e etnicidade (e.g., Brown et al., 2015) dos progenitores.

Uma vez que a parentalidade se enquadra num conjunto de contextos e é influenciada pelos mesmos, por exemplo o contexto familiar, seria interessante em investigações futuras estudar as reações parentais de pais e mães da mesma família, de forma a perceber se estão relacionadas.

Seria ainda interessante dar continuidade à linha de estudos que investiga a relação entre empatia interpessoal dos pais e as reações parentais às emoções negativas dos filhos, de forma a clarificar esta relação e os seus efeitos na parentalidade. Concretamente, seria conveniente continuar a investigar no sentido de esclarecer o contributo da empatia cognitiva e emocional para as respostas parentais. Conhecendo de maneira mais profunda a relação entre estas variáveis, seria possível criar intervenções no sentido de potenciar a empatia cognitiva e/ou emocional com o objetivo de tornar as reações dos progenitores mais apoiantes, fomentando assim a parentalidade positiva.

## Referências Bibliográficas

- Altan-Aytun, Ö., Yagmurlu, B., & Yavuz, H. M. (2013). Turkish mothers' coping with children's negative emotions: A brief report. *Journal of Child and Family Studies*, 22, 437-443.
- Alves, D., & Cruz, O. (2011). Reações parentais às emoções negativas dos filhos (RPEN): Um questionário de avaliação da meta-emoção parental. In *Actas do VIII Congresso Iberoamericano de Avaliação/Evaluación Psicológica. XV Conferência Internacional Avaliação Psicológica: Formas e Contextos, Lisboa, 25-27 Julho 2011* (pp. 1480-1492). Lisboa: Sociedade Portuguesa de Psicologia.
- Batson, C. D. (1991). *The altruism question: Toward a social-psychological answer*. New York: Psychology Press. Retirado de <https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=KI57AgAAQBAJ&oi=fnd&pg=PP1>
- Batson, C. D., & Shaw, L. L. (1991). Evidence for altruism: Toward a pluralism of prosocial motives. *Psychological Inquiry*, 2(2), 107-122.
- Baumrind, D. (1991). The influence of parenting style on adolescent competence and substance use. *Journal of Early Adolescence*, 11(1), 56-95.
- Bianchi, S. M. (2011). Family change and time allocation in American families. *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science*, 638, 21-44.
- Bird, C. E. (1997). Gender differences in the social and economic burdens of parenting and psychological distress. *Journal of Marriage and the Family*, 59(4), 809-823.
- Blandon, A. Y. (2015). Mothers' and fathers' responses to children's negative emotions: Family and physiological correlates. *Family Relations*, 64, 431-445.
- Borelli, J. L., Rasmussen, H. F., John, H. K. S., West, J. L., & Piacentini, J. C. (2015). Parental reactivity and the link between parent and child anxiety symptoms. *Journal of Child and Family Studies*, 24(10), 3130-3144.

- Brody, L. R. (2000). The socialization of gender differences in emotional expression: Display rules, infant temperament, and differentiation. In A. H. Fisher (Ed.), *Gender and emotion: Social psychological perspectives* (2). Retirado de <https://books.google.pt/books?hl=ptPT&lr=&id=tS1C8Sl5ysEC&oi=fnd&pg=PA24>
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: Experiments by nature and design*. Cambridge: Harvard University Press.
- Bronfenbrenner, U. (1986). Ecology of the family as a context for human development: Research perspectives. *Developmental Psychology*, 22(6), 723-742.
- Brown, G. L., Craig, A. B., & Halberstadt, A. G. (2015). Parent gender differences in emotion socialization behaviors vary by ethnicity and child gender. *Parenting*, 15(3), 135-157.
- Byrne, S., Rodrigo, M. J., & Martín, J. C. (2012). Influence of form and timing of social support on parental outcomes of a child-maltreatment prevention program. *Children and Youth Services Review*, 34, 2495-2503.
- Byrnes, H. F., & Miller, B. A. (2012). The relationship between neighborhood characteristics and effective parenting behaviors: The role of social support. *Journal of Family Issues*, 33(12), 1658-1687.
- Cassano, M. C., & Zeman, J. L. (2010). Parental socialization of sadness regulation in middle childhood: The role of expectations and gender. *Developmental Psychology*, 46(5), 1214-1226.
- Castillo, J. T., & Fenzl-Crossman, A. (2010). The relationship between non-marital fathers' social networks and social capital and father involvement. *Child & Family Social Work*, 15, 66-76.

- Ceballo, R., & McLoyd, V. C. (2002). Social support and parenting in poor, dangerous neighborhoods. *Child Development*, 73(4), 1310-1321.
- Cecconello, A. M., De Antoni, C., & Koller, S. H. (2003). Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar. *Psicologia em Estudo*, 8, 45-54.
- Coohey, C. (2007). Social networks, informal child care, and inadequate supervision by mothers. *Child Welfare*, 86(6), 53-66.
- Crnic, K. A., Greenberg, M. T., Robinson, N. M., & Ragozin, A. S. (1984). Maternal stress and social support: Effects on the mother-infant relationship from birth to eighteen months. *American Journal of Orthopsychiatry*, 54(2), 224-235.
- Davis, M. H. (1980). A multidimensional approach to individual differences in empathy. *JSAS Catalog of Selected Documents in Psychology*, 10, 85-103.
- Davis, M. H. (1983). Measuring individual differences in empathy: Evidence for a multidimensional approach. *Journal of Personality and Social Psychology*, 44(1), 113-126.
- Davis, M. H. (2006). Empathy. In J. E. Stets & J. H. Turner (Eds.), *Handbook of the sociology of emotions* (pp. 443-466). New York: Springer.
- Denham, S., & Kochanoff, A. T. (2002). Parental contributions to preschoolers' understanding of emotion. *Marriage & Family Review*, 34(3), 311-343.
- Denham, S. A., & Mitchell-Copeland, J., Strandberg, K., Auerbach, S., & Blair, K. (1997). Parental contributions to preschoolers' emotional competence: Direct and indirect effects. *Motivation and Emotion*, 21(1), 65-86.
- de Paúl, J., Pérez-Albéniz, A., Guibert, M., Asla, N., & Ormaechea, A. (2008). Dispositional empathy in neglectful mothers and mothers at high risk for child physical abuse. *Journal of Interpersonal Violence*, 23(5), 670-684.

- Dunsmore, J. C., Her, P., Halberstadt, A. G., & Perez-Rivera, M. B. (2009). Parents' beliefs about emotions and children's recognition of parents' emotions. *Journal of Nonverbal Behavior*, 33(2), 121-140.
- Eisenberg, N., Cumberland, A., & Spinrad, T. L. (1998). Parental socialization of emotion. *Psychological Inquiry*, 9(4), 241-273.
- Eisenberg, N., Fabes, R. A., & Murphy, B. C. (1996). Parents' reactions to children's negative emotions: Relations to children's social competence and comforting behavior. *Child Development*, 67, 2227-2247.
- Emery, H. T., McElwain, N. L., Groh, A. M., Haydon, K. C., & Roisman, G. I. (2014). Maternal dispositional empathy and electrodermal reactivity: Interactive contributions to maternal sensitivity with toddler-aged children. *Journal of Family Psychology*, 28(4), 505-515.
- Engle, J. M., & McElwain, N. L. (2011). Parental reactions to toddlers' negative emotions and child negative emotionality as correlates of problem behavior at the age of three. *Social Development*, 20(2), 251-271.
- Fabes, Eisenberg, & Bernzweig (1990). The coping with children's negative emotions scale: Description and scoring. Escala não publicada disponível através dos autores. Arizona State University.
- Fabes, R. A., Leonard, S. A., Kupanoff, K., & Martin, C. L. (2001). Parental coping with children's negative emotions. Relations with children's emotional and social responding. *Child Development*, 72(3), 907-920.
- Fabes, R. A., Poulin, R. E., Eisenberg, N., & Madden-Derdich, D. A. (2002). The coping with children's negative emotions scale (CCNES): Psychometric properties and relations with children's emotional competence. In R. A. Fabes (Ed.), *Emotions and the family* (pp. 285-310). New York: The Haworth Press.

- Francis, K. J., & Wolfe, D. A. (2008). Cognitive and emotional differences between abusive and non-abusive fathers. *Child Abuse & Neglect*, 32, 1127-1137.
- Gameiro, Moura-Ramos, & Canavarro (2006). Manual de aplicação e cotação do Convoy Model. Escala não publicada disponível através dos autores. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Geens, N., & Vandenbroeck, M. (2014). The (ab)sense of a concept of social support in parenting research: A social work perspective. *Child & Family Social Work*, 19(4), 491-500.
- Gladstein, G. A. (1983). Understanding empathy: Integrating counseling, developmental, and social psychology perspectives. *Journal of Counseling Psychology*, 30(4), 467-482.
- Gottlieb, B. H. (1983). *Social support strategies*. Beverly Hills: Sage Publications.
- Grossmann, K., Grossmann, K. E., Fremmer-Bombik, E., Kindler, H., Scheuerer-Englisch, H., & Zimmermann, P. (2002). The uniqueness of the child–father attachment relationship: Fathers’ sensitive and challenging play as a pivotal variable in a 16-year longitudinal study. *Social Development*, 11, 307–331.
- Guevara, I. P., Cabrera, V. E., Gonzalez, M. R., & Devis, J. V. (2015). Empathy and sympathy as mediators between parental inductive discipline and prosocial behavior in colombian families. *International Journal of Psychological Research*, 8(2), 34-48.
- Han, Z. R., Qian, J., Gao, M., & Dong, J. (2015). Emotion socialization mechanisms linking Chinese fathers’, mothers’, and children’s emotion regulation: A moderated mediation model. *Journal of Child and Family Studies*, 24(12), 3570-3579.
- Hashima, P. Y., & Amato, P. R. (1994). Poverty, social support, and parental behavior. *Child Development*, 65(2), 394-403.



- Hoffmann, H., Kessler, H., Eppel, T., Rukavina, S., & Traue, H. C. (2010). Expression intensity, gender and facial emotion recognition: Women recognize only subtle facial emotions better than men. *Acta Psychologica*, 135, 278–283.
- Holt, C. L., & Ellis, J. B. (1998). Assessing the current validity of the Bem Sex-Role Inventory. *Sex Roles*, 39(11), 929-941.
- Hurrell, K. E., Hudson, J. L., & Schniering, C. A. (2015). Parental reactions to children's negative emotions: Relationships with emotion regulation in children with an anxiety disorder. *Journal of Anxiety Disorders*, 29, 72-82.
- Jones, S., Eisenberg, N., Fabes, R. A., & MacKinnon, D. P. (2002). Parents' reactions to elementary school children's negative emotions: Relations to social and emotional functioning at school. *Merrill-Palmer Quarterly*, 48(2), 133-159.
- Kahn, R. L., & Antonucci, T. C. (1980). Convoys over the life course: attachment, roles, and social support. In P. B. Baltes & O. G. Brim (Eds.), *Life-span development and behavior* (pp. 253-267). Michigan: Academic Press.
- Kerr, W. A., & Spero, B. J. (1954). Validation and evaluation of the empathy test. *The Journal of General Psychology*, 50(2), 269-276.
- Kilpatrick, K. L. (2005). The parental empathy measure: A new approach to assessing child maltreatment risk. *American Journal of Orthopsychiatry*, 75(4), 608-620.
- Kliewer, W., Fearnow, M. D., & Miller, P. A. (1996). Coping socialization in middle childhood: Tests of maternal and paternal influences. *Child Development*, 67(5), 2339-2357.
- Kochanska, G. (1997). Mutually responsive orientation between mothers and their young children: Implications for early socialization. *Child Development*, 68(1), 94-112.

- Lamb, M. E. & Lewis, C. (2010). The development and significance of father-child relationships in two-parent families. In *The role of the father in child development* (4). Retirado de [https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=dLpOkMwsu-QC&oi=fnd&pg=PA94&dq=lamb+e+lewis\(2010\)](https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=dLpOkMwsu-QC&oi=fnd&pg=PA94&dq=lamb+e+lewis(2010))
- Lee, C. Y. S., Anderson, J. R., Horowitz, J. L., & August, G. J. (2009). Family income and parenting: The role of parental depression and social support. *Family Relations*, 58(4), 417-430.
- Leerkes, E. M., Blankson, A. N., & O'Brien, M. (2009). Differential effects of maternal sensitivity to infant distress and nondistress on social-emotional functioning. *Child Development*, 80(3), 762-775.
- Leiberg, S., Klimecki, O., & Singer, T. (2011). Short-term compassion training increases prosocial behavior in a newly developed prosocial game. *Plos One*. Retirado de <http://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0017798>
- Leinonen, J. A., Solantaus, T. S., & Punamäki, R. L. (2003). Social support and the quality of parenting under economic pressure and workload in Finland: The role of family structure and parental gender. *Journal of Family Psychology*, 17(3), 409-418.
- Lerner, R. M., Rothbaum, F., Boulos, S., & Castellino, D. R. (2002). Developmental systems perspective on parenting. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting* (pp. 315-344). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Limpo, T., Alves, R. A., & Castro, S. L. (2010). Medir a empatia: Adaptação portuguesa do Índice de Reactividade Interpessoal. *Laboratório de Psicologia*, 8(2), 171-184.
- Lippold, M. A., Glatz, T., Fosco, G. M., & Feinberg, M. E. (2017). Parental perceived control and social support: Linkages to change in parenting behaviors during early adolescence. *Family Process*, 1-16.

- Mackler, J. S., Kelleher, R. T., Shanahan, L., Calkins, S. D., Keane, S. P., & O'Brien, M. (2015). Parenting stress, parental reactions, and externalizing behavior from ages 4 to 10. *Journal of Marriage and Family*, 77(2), 388-406.
- Maibom, H. L. (2012). The many faces of empathy and their relation to prosocial action and aggression inhibition. *Wiley Interdisciplinary Reviews: Cognitive Science*, 3(2), 253-263.
- Manczak, E. M., DeLongis, A., & Chen, E. (2016). Does empathy have a cost? Diverging psychological and physiological effects within families. *Health Psychology*, 35(3), 211-218.
- Marra, J. V., McCarthy, E., Lin, H. J., Ford, J., Rodis, E., & Frisman, L. K. (2009). Effects of social support and conflict on parenting among homeless mothers. *American Journal of Orthopsychiatry*, 79(3), 348-356.
- McElroy, E. M., & Rodriguez, C. M. (2008). Mothers of children with externalizing behavior problems: Cognitive risk factors for abuse potential and discipline style and practices. *Child Abuse & Neglect*, 32, 774-784.
- McElwain, N. L., Halberstadt, A. G., & Volling, B. L. (2007). Mother-and father-reported reactions to children's negative emotions: Relations to young children's emotional understanding and friendship quality. *Child Development*, 78(5), 1407-1425.
- McIntyre, M. H., & Edwards, C. P. (2009). The early development of gender differences. *Annual Review of Anthropology*, 38, 83-97.
- McLoyd, V. C. (1990). The impact of economic hardship on Black families and children: Psychological distress, parenting, and socioemotional development. *Child Development*, 61(2), 311-346.
- Mensah, M. K., & Kuranchie, A. (2013). Influence of parenting styles on the social development of children. *Academic Journal of Interdisciplinary Studies*, 2(3), 123-129.

- Miller, R. L., Dunsmore, J. C., & Smith, C. L. (2015). Effortful control and parents' emotion socialization patterns predict children's positive social behavior: A person-centered approach. *Early Education and Development, 26*(2), 167-188.
- Miller, P. A., & Eisenberg, N. (1988). The relation of empathy to aggressive and externalizing/antisocial behavior. *Psychological Bulletin, 103*(3), 324-344.
- Morrongiello, B. A., McArthur, B. A., & Spence, J. R. (2016). Understanding gender differences in childhood injuries: Examining longitudinal relations between parental reactions and boys' versus girls' injury-risk behaviors. *Health Psychology, 35*(6), 523-530.
- Nelson, J. A., O'Brien, M., Blankson, A. N., Calkins, S. D., & Keane, S. P. (2009). Family stress and parental responses to children's negative emotions: Tests of the spillover, crossover, and compensatory hypotheses. *Journal of Family Psychology, 23*(5), 671-679.
- Nelson, J. A., Perry, N. B., O'Brien, M., Calkins, S. D., Keane, S. P., & Shanahan, L. (2016). Mothers' and fathers' reports of their supportive responses to their children's negative emotions over time. *Parenting, 16*(1), 56-62.
- Oravec, L. M., Osteen, P. J., Sharpe, T. L., & Randolph, S. M. (2011). Assessing low-income African-American pre-schoolers' behaviour problems in relationship to community violence, inter-partner conflict, parenting, informal social support and social skills. *Child & Family Social Work, 16*(3), 310-324.
- Penner, L. A., Dovidio, J. F., Piliavin, J. A., & Schroeder, D. A. (2005). Prosocial behavior: Multilevel perspectives. *Annual Review of Psychology, 56*, 365-392.
- Perez-Albeniz, A., & de Paul, J. (2003). Dispositional empathy in high-and low-risk parents for child physical abuse. *Child Abuse & Neglect, 27*(7), 769-780.

- Perez-Albeniz, A., & de Paul, J. (2004). Gender differences in empathy in parents at high- and low-risk of child physical abuse. *Child Abuse & Neglect*, 28(3), 289-300.
- Pottie, C. G., Cohen, J., & Ingram, K. M. (2008). Parenting a child with autism: Contextual factors associated with enhanced daily parental mood. *Journal of Pediatric Psychology*, 34(4), 419-429.
- Rocha, S. (2016). *Empatia interpessoal dos pais, estilos parentais e ajustamento psicológico dos filhos – Quando as teias se constroem em telas de desvantagem social e económica* (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.
- Rodriguez, C. M. (2013). Analog of parental empathy: Association with physical child abuse risk and punishment intentions. *Child Abuse & Neglect*, 37(8), 493-499.
- Rodriguez, C. M., & Tucker, M. C. (2015). Predicting maternal physical child abuse risk beyond distress and social support: Additive role of cognitive processes. *Journal of Child and Family Studies*, 24(6), 1780-1790.
- Rosenstein, P. (1995). Parental levels of empathy as related to risk assessment in child protective services. *Child Abuse & Neglect*, 19(11), 1349-1360.
- Saba, J. F., & Tamis-LeMonda, C. (2003). Quality of mothers' engagement with their toddlers: The roles of childrearing history, social support, and empathy. In *Biennial Meeting of the Society for Research in Child Development, Tampa*, 24-27 April 2003. Tampa: New York University.
- Serrano-Villar, M., Huang, K. Y., & Calzada, E. J. (2016). Social support, parenting, and social emotional development in young mexican and dominican american children. *Child Psychiatry & Human Development*, 48(4), 597-609.

- Shewark, E. A., & Blandon, A. Y. (2015). Mothers' and fathers' emotion socialization and children's emotion regulation: A within-family model. *Social Development, 24*(2), 266-284.
- Shields, S. A. (2013). Gender and emotion: What we think we know, what we need to know, and why it matters. *Psychology of Women Quarterly, 37*(4), 423-435.
- Shumaker, S. A., & Bronwel, A. (1984). Toward a theory of social support: Closing conceptual gaps. *Journal of Social Issues, 40*(4), 11-33.
- Smith, A. (2006). Cognitive empathy and emotional empathy in human behavior and evolution. *The Psychological Record, 56*(1), 3-21.
- Soenens, B., Duriez, B., Vansteenkiste, M., & Goossens, L. (2007). The intergenerational transmission of empathy-related responding in adolescence: The role of maternal support. *Personality and Social Psychology Bulletin, 33*(3), 299-311.
- Spinrad, T. L., Eisenberg, N., Gaertner, B., Popp, T., Smith, C. L., Kupfer, A., ... Hofer, C. (2004). Relations of Maternal Socialization and Toddlers' Effortful Control to Children's Adjustment and Social Competence. *Developmental Psychology, 43*(5), 1170-1186.
- Stotland, E. (1969). Exploratory investigations of empathy. *Advances in experimental Social Psychology, 4*, 271-314.
- Strayer, J., & Roberts, W. (2004). Children's anger, emotional expressiveness, and empathy: Relations with parents' empathy, emotional expressiveness, and parenting practices. *Social Development, 13*(2), 229-254.
- Su, C., & Hynie, M. (2011). Effects of life stress, social support, and cultural norms on parenting styles among mainland Chinese, European Canadian, and Chinese Canadian immigrant mothers. *Journal of Cross-Cultural Psychology, 42*(6), 944-962.

- Tao, A., Zhou, Q., & Wang, Y. (2010). Parental reactions to children's negative emotions: Prospective relations to Chinese children's psychological adjustment. *Journal of Family Psychology*, 24(2), 135-144.
- Taylor, R. D., & Roberts, D. (1995). Kinship support and maternal and adolescent well-being in economically disadvantaged African-American families. *Child Development*, 66(6), 1585-1597.
- van der Pol, L. D., Groeneveld, M. G., van Berkel, S. R., Endendijk, J. J., Hallers-Haalboom, E. T., Bakermans-Kranenburg, M. J., & Mesman, J. (2015). Fathers' and mothers' emotion talk with their girls and boys from toddlerhood to preschool age. *Emotion*, 15(6), 854-864.
- Weinraub, M., & Wolf, B. M. (1983). Effects of stress and social supports on mother-child interactions in single-and two-parent families. *Child Development*, 54(5), 1297-1311.
- Wills, T. A., & Shinar, O. (2000). Measuring perceived and received social support. In *Social support measurement and intervention: A guide for health and social scientists* (4). Retirado de [https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=I\\_0HZQXQk2gC&oi=fnd&pg=PA86](https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=I_0HZQXQk2gC&oi=fnd&pg=PA86)
- Wong, M. S., McElwain, N. L., & Halberstadt, A. G. (2009). Parent, family, and child characteristics: associations with mother-and father-reported emotion socialization practices. *Journal of Family Psychology*, 23(4), 452-463.
- Woody III, D., & Woody, D. J. (2007). The significance of social support on parenting among a group of single, low-income, African American mothers. *Journal of Human Behavior in the Social Environment*, 15(2), 183-198.
- Wortman, C. B., & Dunkel-Schetter, C. (1987). Conceptual and methodological issues in the study of social support. In A. E. Baum & Singer J. E (Eds.), *Handbook of psychology and health* (pp. 63-108). Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates.

Yu, T., Volling, B. L., & Niu, W. (2015). Emotion socialization and children's behavioral problems in China and the United States. *Journal of Comparative Family Studies*, 46(3), 419-434.



## **Anexos**

### **Anexo A – Consentimento Informado**

#### **Projeto de Investigação**

A investigação, para a qual pedimos a sua colaboração, decorre no âmbito da tese de doutoramento de Mariana Barroso Fernandes, em Psicologia da Família, sob orientação científica das Professoras Doutoras Isabel Narciso e Marta Pedro, da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa. Este estudo tem como finalidade compreender o modo como os pais lidam com a vivência da parentalidade, considerando o comportamento dos filhos e a relação com estes.

A sua participação é voluntária e a decisão de não participar não tem qualquer consequência para si ou para os seus filhos, podendo desistir a qualquer momento se assim o desejar. Os dados recolhidos, numa única sessão de cerca de 60 minutos, são confidenciais, sendo posteriormente analisados de forma global e não individualizada. Todo o estudo decorrerá segundo os princípios éticos internacionais aplicados à investigação em Psicologia. Apenas os elementos da equipa da investigação terão acesso aos dados recolhidos.

A participação nesta investigação implica o preenchimento de um questionário sobre dados sociodemográficos e de outros questionários que abordam diversas temáticas relevantes para a parentalidade. Os participantes poderão ter acesso aos resultados gerais da investigação ou outros esclarecimentos acerca da mesma, solicitando informação através do seguinte endereço eletrónico: xxxxx@xmail.com. Através deste contacto, os participantes poderão, se assim considerarem necessário, solicitar apoio psicológico no Serviço à Comunidade da FPUL.

Ao aceitar a sua participação neste estudo, declara ter tomado conhecimento dos objetivos da investigação e do que lhe é pedido; participa voluntariamente e concorda que os dados sejam analisados anonimamente pelos investigadores envolvidos no estudo.

Grata pela sua participação!

*O participante*

---

Data

\_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_\_

## Anexo B – Protocolo de Investigação

### Questionário Sociodemográfico

Data \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

Pense apenas nos seus filhos que têm entre 3 a 12 anos, e responda relativamente ao filho mais velho que estiver entre os 3 e os 12 anos. *Para facilitar a leitura, a palavra “filho” será usada para designar “filho” ou “filha”.*

É muito importante que leia atentamente e responda a todas as questões. Deixar questões em branco inutiliza todo o questionário e impossibilita que as suas respostas sejam incluídas na investigação. Quando não tiver a certeza acerca de um valor ou resposta, por favor, responda com dados aproximados. Não há repostas certas ou erradas.

#### 1. Sexo

☐ Feminino      ☐ Masculino

#### 2. Idade

\_\_\_\_ anos

#### 3. Local de Residência

\_\_\_\_\_

#### 4. Escolaridade

☐ 0 a 4 anos de escolaridade

☐ 5 a 6 anos de escolaridade

☐ 7 a 9 anos de escolaridade

☐ 10 a 12 anos de escolaridade

☐ Frequência universitária

☐ Ensino Superior

☐ Outro. Qual? \_\_\_\_\_

**CMD** (Kahn, & Antonucci, 1980; versão adaptada: Gameiro, Moura-Ramos, & Canavarro, 2006)

Não necessita de indicar nomes; **coloque o tipo de relacionamento que mantém com a pessoa que quer incluir, e a ordem por que se lembrou dela** (i.e., 1-mulher, 2-filha, 3-amigo de infância, (...), 6-colega, 7-patrão, e assim sucessivamente). **Indique todas as pessoas**, isto é, não coloque “amigos” - coloque a palavra “amigo” tantas vezes quantas os amigos que quiser incluir. **Não há limite para o número de pessoas a colocar**, tal como não há referências certas ou erradas. Existem apenas as suas respostas.

Nas colunas, identifique as pessoas que colocou no primeiro e no segundo círculo. Por baixo, coloque um **círculo à volta do número que melhor corresponde ao apoio que recebe dessa pessoa (0 = mínimo; 5 = máximo)**.

<b>1º Círculo</b>						
	_____	_____	_____	_____	_____	_____
Confia e sente-se seguro(a) com esta pessoa?	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Pode falar/desabafar com esta pessoa quando está perturbado(a), nervoso(a) ou deprimido(a)?	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Pode pedir conselhos a esta pessoa?	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5

<b>2º Círculo</b>						
	_____	_____	_____	_____	_____	_____
Confia e sente-se seguro(a) com esta pessoa?	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Pode falar/desabafar com esta pessoa quando está perturbado(a), nervoso(a) ou deprimido(a)?	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Pode pedir conselhos a esta pessoa?	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5

**CCNES** (Fabes, Eisenber, & Bernzweig, 1990; versão portuguesa: Alves, & Cruz, 2011)

Ao longo de doze situações, pedimos que indique numa escala de **1** (*Nada provável*) a **7** (*Muito provável*) a probabilidade de responder de forma semelhante ao que é descrito em cada uma das alíneas apresentadas. Por favor, coloque **em cada alínea (a - f) um círculo** à volta do número (1 - 7) que melhor traduz a probabilidade de responder ou agir como o descrito.

Nada provável			Médio			Muito provável
1	2	3	4	5	6	7

1. Se o meu filho se zanga porque está doente ou se magoou e não pode ir a uma festa de anos, eu:							
a) Mando-o ir para o quarto para se acalmar.	1	2	3	4	5	6	7
b) Zango-me com ele.	1	2	3	4	5	6	7
c) Ajudo-o a pensar numa forma de ainda estar com os amigos (ex. convidar alguns amigos para irem lá para casa).	1	2	3	4	5	6	7
d) Digo-lhe para não dar tanta importância ao assunto.	1	2	3	4	5	6	7
e) Encorajo-o a expressar os seus sentimentos de zanga e frustração.	1	2	3	4	5	6	7
f) Acalmo-o, faço alguma coisa divertida para que se sinta melhor.	1	2	3	4	5	6	7
2. Se o meu filho cai de bicicleta e a estraga, e depois fica chateado, eu:							
a) Consigo manter-me calmo(a).	1	2	3	4	5	6	7
b) Conforto-o e tento que esqueça o acidente.	1	2	3	4	5	6	7
c) Digo-lhe que está a reagir de forma exagerada.	1	2	3	4	5	6	7
d) Ajudo-o a pensar como é que pode arranjar a bicicleta.	1	2	3	4	5	6	7
e) Digo-lhe que não tem mal chorar.	1	2	3	4	5	6	7
f) Digo-lhe para parar de chorar ou fica sem andar de bicicleta nos próximos tempos.	1	2	3	4	5	6	7

**IRI** (Davis, 1983; versão portuguesa: Limpo, Alves, & Castro, 2010)

Não me descreve bem				Descreve-me muito bem
1	2	3	4	5

6. Habitualmente mantenho a objetividade ao ver um filme ou um teatro e não me deixo envolver por completo.	1	2	3	4	5
7. Quando há desacordo, tento atender a todos os pontos de vista antes de tomar uma decisão.	1	2	3	4	5
8. Quando vejo que se estão a aproveitar de uma pessoa, sinto vontade de a proteger.	1	2	3	4	5